

Arte, vida e cidade: as percepções do trabalho no campo da cultura

Art, life and city: the perception of work in the field of culture

Bruno Pomoceno Odelli

Amanda Wendorff Lucci

Daniela Bissoli Veiga Martins

Allan Henrique Gomes

Resumo: O presente artigo tem como propósito retratar as percepções da arte para profissionais do setor de cultura na cidade de Joinville – SC. A pesquisa realizada consiste em um levantamento qualitativo que teve como procedimento a realização de entrevistas com cinco profissionais do setor cultural. As entrevistas foram realizadas através de um roteiro semiestruturado, foram gravadas, transcritas e categorizadas tematicamente. Das categorias geradas neste processo, três núcleos temáticos receberam o tratamento analítico e se constituem resultados desta pesquisa, a saber: 1) trajetórias no campo da arte, refletindo a ligação da arte com a vida e quais questões impulsionaram a inserção profissional dos participantes da pesquisa no contexto cultural; 2) as redes e interações com a arte local, que reflete o relacionamento que os entrevistados tecem entre si e como essas mesmas interações promovem outros projetos de arte e cultura; e 3) significação no trabalho no setor cultural e as motivações nesta área. Com base nas análises, percebe-se que estar inserido no contexto cultural produz realização pessoal e profissional e, apesar dos percalços, trabalhar com a arte nos setores culturais possibilita a relação contínua com o campo, bem como, o fazer artístico. A pesquisa apresenta evidências relevantes sobre o contexto local e significativas contribuições à interface Psicologia e Arte.

Palavras-chave: arte, cidade, cultura, psicologia.

Abstract: This article aims to depict the perceptions of art for professionals in the culture sector in the city of Joinville, state of Santa Catarina, Brazil. The research carried out consists of a qualitative survey whose procedure was conducting interviews with five professionals from the cultural sector. The interviews were conducted through a semi-structured script, were recorded, transcribed, and categorized

thematically. From the categories generated in this process, three thematic cores received the analytical treatment and constitute the results of this research, namely: 1) trajectories in the field of art, reflecting the link between art and life and which issues boosted the professional insertion of research participants in the cultural context; 2) networks and interactions with local art, which reflect the relationship interviewees build among themselves and how these same interactions promote other art and culture projects; and 3) meaning at work in the cultural sector and motivations in this area. Based on the analyses, it is noticed that being inserted in the cultural context produces personal and professional fulfilment, and despite the setbacks, working with art in cultural sectors enables a continuous relationship with the field, as well as with the artistic practice. The research presents relevant about the local context and significant contributions to the Psychology and Art interface.

Keywords: art, city, culture, psychology.

INTRODUÇÃO

A arte é tema de longos debates, trazendo inúmeras formas às mãos de quem a tocam, aos ouvidos de quem a escuta, e aos olhos de quem a aprecia. Diante de tantas produções, continua sendo um assunto que encanta, atrai e cativa o pensamento e a sensibilidade. Feitosa (2004) discutindo a presença da arte na reflexão filosófica, afirma que a arte em si é uma expressão viva, singular e mobilizadora de diferentes efeitos. É uma contestação cultural que, visa tratar a realidade frustrante, onde o artista pode expressar (novos) significados ao mundo.

Tendo em vista o arcabouço sensorial, a percepção é “uma experiência dotada de significação, isto é, o percebido é dotado de sentido e tem sentido em sua história de vida” (CHAUÍ, 2000, p. 154). Essa percepção remete ao significado, que por sua vez, está associado ao interesse, ao prazer e a realização com a arte.

No campo da arte, além dos artistas propriamente ditos, temos produtores, curadores, críticos e outros profissionais com funções administrativas ou educacionais que trabalham nos setores culturais, e esses mesmos podem ser, ao mesmo tempo, artistas e consumidores. Esses profissionais estabelecem uma teia de vínculos sociais (DESAULNIERS, 2000) – ou grupos – e a partir desta, constroem sua identidade. Segundo Hall (2006) o termo “identidade” dá a impressão de ser uma coisa acabada, estanque, por

isso a nomenclatura “identificação” é uma expressão coerente com a ideia de uma condição contínua, inacabada e multidimensional. Sendo assim, o autor apresenta que a noção do sujeito pós-moderno não possui uma identificação fixa e permanente, ou seja, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13). Portanto, o processo de “identificação” é o que mais se adequa a perspectiva de um sujeito que está em constante mudança.

Esse processo complexo de constituição da pessoa é o resultado de um contexto histórico-cultural dinâmico e diverso, que através de identificações e diferenças, vai produzindo outras formas de estar sujeito no mundo. Logo, é possível afirmar que a constituição do sujeito se configura por meio das relações sociais, sendo estes sujeitos também operadores e produtos destas relações (ZANELLA, 2020). Nas palavras de Vigotski (2000, p. 33) “a pessoa é um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo”.

O campo desta pesquisa é a cidade de Joinville, situada na região norte de Santa Catarina, com população estimada em 604 mil pessoas (IBGE, 2021). O município tem a sua economia voltada para as indústrias de fundição, fabricação de eletrodomésticos e produtos de material plástico, além de outros setores em expansão, como é o caso da área de tecnologia. A cidade experimenta, desde os anos 70, um aumento populacional significativo, especialmente, em virtude da chegada de novos habitantes por conta das oportunidades de trabalho e emprego (COELHO, 2011).

Referente a questões históricas, no processo de colonização, Joinville teve a participação de povos alemães, escandinavos, noruegueses, portugueses e suíços. Contudo, o início de um processo ordenado e intenso de colonização se deu pelos suíços, pois em meados do século XIX (1851 a 1857) constituíam um número maior de migrantes. Posteriormente, com a chegada dos povos germânicos – tornaram-se superiores ao número de colonizadores suíços –, a cultura suíça foi tendo um enfraquecimento e, por conseguinte, resultando em um desaparecimento cultural desse grupo (CUNHA, 2003)..

Pode-se pensar em alguns fatores que contribuíram para esse processo de fagocitação da cultura suíça em Joinville, como o número de habitantes

alemães ser superior aos suíços, a participação massiva na política local da colônia, a implantação de igrejas Protestantes e a língua alemã. Apesar dos suíços terem sua própria língua e seus costumes diferentes, houve um processo de aculturação, ou seja, tiveram que se adequar a maioria para que fosse estabelecida uma comunicação entre eles (CUNHA, 2003).

Ainda no processo de constituição de Joinville enquanto cidade, Rodrigues (2015) diz que há registros informando sobre de presença de povos originários, grupos de matrizes africanas e ainda outros provenientes de outras regiões da Europa. Depois do centenário da colonização, com a demanda de mão de obra gerada pelo ciclo industrial, Joinville se torna a cidade mais populosa de Santa Catarina.

Com respeito ao setor cultural, há iniciativas públicas e privadas, com destaque ao Festival de Dança, um evento que mobiliza a economia, o turismo e promove a cidade como capital brasileira da dança. Em razão da tradição germânica e por conta de ser um sítio arqueológico importante da história dos sambaquis, a cidade conta, além de alguns museus e galeria de artes, com espaços de memória e ações no campo do patrimônio cultural.

Neste contexto e com o olhar da Psicologia Sociocultural, a proposta do trabalho é retratar as percepções da arte para profissionais do setor de cultura na cidade de Joinville – SC, observando suas trajetórias no campo da arte, as redes e relações que os participantes da pesquisa tecem entre si, a percepção do trabalho no setor cultural e as motivações nesta área.

MÉTODO E PROCEDIMENTO

A pesquisa consistiu em um levantamento qualitativo, por fontes documentais e bibliográficas para a fundamentação teórica e uma pesquisa de campo com interlocução por meio de entrevista semiestruturada. A pesquisa de campo se deu por amostra intencional, mediante escolha que privilegiasse diferentes espaços e órgãos do setor cultural e a acolhida da pesquisa pelos participantes. Para tanto, fez-se uso do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido – TCLE, garantindo sigilo das informações, privacidade, respeito e conforto aos participantes.

As entrevistas semiestruturadas seguiram um roteiro de perguntas mobilizadoras, foram gravadas e posteriormente transcritas, literal e integralmente. O local das entrevistas foi definido pelos participantes, que preferiram receber os pesquisadores no espaço de trabalho, permitindo a visitação ao setor. Esta possibilidade ampliou a noção de pesquisa de campo, permitindo observar o fenômeno em seus detalhes e conhecer o contexto na sua concretude, qualificando a análise da pesquisa (MARKONI; LAKATOS, 2003).

O contato com os participantes foi efetuado inicialmente por telefone, indicado pelos próprios entrevistados. As entrevistas duraram em torno de 30 a 40 minutos cada uma. Com respeito ao perfil, os entrevistados possuem 22 a 39 anos, três homens e duas mulheres, os quais serão chamados por nomes de artistas do século XX, sendo eles Henri Matisse, Pablo Picasso, Frida Kahlo, Salvador Dali e Tarsila do Amaral.

Contextualizando o perfil e a ocupação de cada entrevista, Henri Matisse tem 39 anos, é formado em Teatro e atualmente cursa Educação Artística, atua em uma companhia de teatro e tem seu próprio negócio que também, está vinculado escopo cultural, sendo uma empresa de *tickets* de ingresso. Pablo Picasso também possui 39 anos, é formado em Publicidade e Propaganda, pós graduado em *Marketing*, Planejamento Estratégico e outros cursos de Assistência Cultural. Atualmente Pablo trabalha em uma unidade da Secretaria de Cultura e Turismo. Frida Kahlo tem 22 anos, atualmente cursa o último ano de Designe de Moda e trabalha em um centro de Artes e de Cultura. Salvador Dali tem 25 anos, é formado em Teatro com Licenciatura e atualmente trabalha no setor de Educação e Cultura. E Tarsila do Amaral, com 33 anos, bailarina, formada em Artes Cênicas e concluindo seu Mestrado em Teatro, atualmente tem uma empresa de Produção Cultural, não estando vinculada a nenhuma instituição específica.

Em sua maioria, os profissionais possuem vínculo empregatício com o setor cultural, atuando em funções administrativas ou educacionais. Outro

aspecto, não intencional no processo de seleção dos participantes, é a atuação artística que marca a trajetória e o perfil destes trabalhadores do setor cultural.

As temáticas da entrevista trataram das ocupações, histórias de vida, formações, atuações no setor – tanto da função exercida como do trabalho artístico realizado – e suas percepções referentes ao que é ser um profissional neste campo. Como dito, são funcionários do setor, mas também mobilizados por outras inserções artísticas, atuando como produtores culturais, elaborando e tendo seus próprios projetos; alguns já realizados e outros ainda em andamento. Deste modo, encontram-se em uma intrínseca relação entre gestão, produção, atuação e ainda, como público das artes locais.

A pesquisa documental ocorreu no período de quatro meses, concomitante ao trabalho de campo e visava suplementar conhecimentos sobre o setor cultural. O processo de análise foi iniciado com a transcrição, leitura fluante das informações, codificação de temas, definição de categorias temáticas dialogadas com projeto e revisão de literatura e, finalmente, a escrita temática. Das categorias geradas neste processo, três núcleos receberam o tratamento analítico, constituindo-se resultado desta pesquisa: 1) a constituição do sujeito em suas trajetórias pessoais, contendo seu histórico familiar como o processo de incentivo para a inserção e permanência nesse contexto até os dias de hoje, sua formação acadêmica e sua relação com o trabalho sendo ela impulsionada pela formação; 2) redes de relações com a arte local, sendo ela o entrosamento que estes profissionais têm entre si, e suas relações com o público e; 3) a significação no trabalhar com a arte. Neste último ponto, será discutido sobre as representações, as percepções e os significados que a arte representa para estes profissionais que trabalham neste setor.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Arte e vida em suas trajetórias pessoais

Durante as entrevistas, ao questioná-los sobre suas trajetórias pessoais, obteve-se relatos que indicam similaridades entre os participantes. Boa parte deles, a inserção artística se deu a partir de questões familiares, como o receio da mãe de um deles em deixá-lo sozinho na infância, e assim, matriculando o filho na aula de dança folclórica por intermédio de uma vizinha (Henri), a trajetória de uma criança que foi matriculada em uma escola de balé (Tarsila). Algo que se evidenciou nas falas, foi a influência da família, com olhar voltado principalmente aos pais. Estes os transmitiram segurança, apoiando e acolhendo-os em suas decisões pelo setor cultural.

Por meio desses relatos, podemos identificar a relação que os entrevistados estabeleceram com suas famílias, seu primeiro vínculo de relações, demarcação significativa em suas trajetórias pessoais. Esses marcos, denominados como atividade humana, produzem cultura e em meio a esse processo, objetiva e subjetiva o sujeito, fazendo assim, parte de sua constituição identitária (ZANELLA, 2020).

Quanto ao processo inicial de suas histórias no setor cultural, faz-se necessário ressaltar as questões direcionadas ao contato que tiveram com artistas, especialmente em situações educacionais. A admiração que os participantes cultivam por alguns nomes, marca a trajetória pessoal e profissional, inspirando suas vidas.

Relacionado as formações acadêmicas, quase todos eles possuem formação completa – exceto Frida, que estava em processo de conclusão. Alguns com formação específica na arte, como Teatro e Artes Cênicas, outros com cursos que dialogam com o setor, tais como Publicidade e Propaganda e, ainda, Designer de Moda.

Imbrizzi (2016) discorre acerca da relação entre a arte e a formação. Esse deslocamento entre a arte e a vida se mostra dialeticamente, permeando as ações do sujeito sendo atravessadas pela dimensão histórica do contemporâneo. É processo reflexivo, fazendo-o constante indagação sobre suas relações e sentidos, a produção artística e o projeto de vida. No campo da pesquisa pode-se observar os imbricamentos arte e vida nas trajetórias pessoais e profissionais, ecoando e reverberando questões próximas ao texto acima citado.

A relação que os profissionais possuem com o trabalho artístico, é marcado pelo desafio: “*não é fácil viver de cultura, não é fácil*”, “*a gente vive com um medo constante de passar fome*” e até mesmo “*a gente sempre está se questionando né [...] porque a gente está fazendo isso ainda*”. Nestas falas, há expressão de desabafo, ressoando preocupação financeira e, por efeito, com a manutenção de suas vidas, diante de tantas instabilidades e inseguranças.

Entre os participantes da pesquisa, dois deles encontraram meios rentáveis também na arte que produzem (Henri e Tarsila), já os demais, dependem do vínculo empregatício associado a função que realizam no setor cultural, com características administrativas. Neste segundo caso, há desdobramentos de projetos culturais autônomos ou coletivos, que não dependem do trabalho que os vinculam ao setor cultural.

Mesmo permeados por essas dificuldades, há falas que expressam realização e satisfação com o trabalho neste contexto. O relato aponta para o processo de imaginação e criação, onde o artista se auto realiza por intermédio desse processo. A atividade que o sujeito estabelece torna-se um processo dialético, que acaba (re)constituindo a si mesmo, pois em meio a essa dinâmica – criando, imaginando e (re)constituindo -, o sujeito vai tendo uma participação na transformação da realidade social estando ativamente participando (ZANELLA, 2020).

Relacionado às trajetórias pessoais apresentadas, dá-se a entender que há uma relação entre as trajetórias pessoais, as formações acadêmicas e o trabalho realizado. Essas relações se constituem como campo de tensões e invenções, afetando a vida e as atividades, relacionamentos e projetos. Esses imbricamentos, ao mesmo tempo que desenham condições semelhantes na relação arte, vida e trabalho, mobilizam uma diversidade de possibilidades no desenho da singularidade e das percepções do trabalho no campo da arte e cultura.

Redes de relações: arte, público e cidade

Nesse núcleo de análise, serão refletidos os pontos sobre as relações que esses profissionais exercem com seus colegas de trabalho – de outros setores ou instituições – e a percepção para com contexto artístico e cultural da cidade.

No decorrer das análises, pôde-se perceber a relação que estes profissionais têm um com o outro, pois ao longo das falas, eles foram mencionando parcerias, sem serem instigados a evocarem tais nomes. Mencionavam artistas, projetos e afetos, relatando atuações:

[...] faz aulas na Casa da Cultura, me formei ceramista ano passado e esse ano é participei da revoada de inverno, um projeto da [nome da artista], [...] com um grupo de artista participando agora da primavera de museus no museu Fritz Alt, expondo os trabalhos no jardim do museu, então isso é um pouco da minha relação com a arte (Pablo).

A admiração que a entrevistada Frida tem com um determinado artista, fazendo menção de seu trabalho e seus objetivos para com arte em Joinville: “*Existem pessoas assim com Juarez Machado também que veem que existe essa carência e meio que... Que estão investindo; e percebem que tem que trabalhar isso né, e criam coisas e tudo mais*”.

Ainda na questão dos afetos, temos uma citação de admiração que um dos entrevistados faz sobre outro: “*Um exemplo para mim, é o trabalho do [cita Henri], pra mim tem uma certa garra de tá lá. Uma garra positiva de tá lá*” (Salvador). Por meio dessa fala e de outras, observa-se uma relação que estes profissionais possuem um com o outro e, ainda, o modo como participam em projetos coletivos e, ainda, acompanham o trabalho dos colegas.

Desaulniers (2000, p. 114), chama de “teia de relações sociais” essas redes, compreendendo-as como um fenômeno social interativo, um processo de trabalho e cooperação, de “tecer juntos”. Paugam (2003) ao relacionar vínculos e proteção social, define a participação eletiva como uma forma de relação em que se escolhe pessoas para conviver. Este mesmo autor, fala de participação orgânica ao fazer referência aos vínculos de trabalho. Ao que parece, no setor

artístico essas formas de participação estão amalgamadas, camuflando relações de trabalho e amizade.

A participação eletiva tem nela uma convivência fraternal. É por essa base de vínculos que uma pessoa projeta relações de familiaridade que não perpassadas pela filiação e parentesco. Esse vínculo não está ligado ao trabalho em si, mas pode ser um desdobramento dele e, neste caso, criam-se relações amalgamadas. Ao mesmo tempo em que essas circunstâncias indicam uma indiferenciação entre trabalho e vida, são elas que podem dar subsídios às práticas solidárias e às ações coletivas no campo da arte e da cultura.

Um ponto evidente na pesquisa, pois todos os entrevistados citaram, foi a percepção deles sobre o baixo envolvimento do público local com a arte produzida na cidade. Segundo Henri, o que eles percebem, é que em Joinville há certa falta de interesse por parte do público no teatro local, valorizando mais um artista global em relação ao artista local.

Eles não vão. E por quê? Tem uma coisa que acho que assim [...], gente tem esse enfrentamento que é a questão do status talvez, entendeu? Acho que a comunidade, ela prefere pagar o ingresso de sei lá, sessenta, setenta, cem reais pra ir num teatro [cita dois teatros da cidade] assistir um espetáculo com um ator global, porque ela não vai pra ver o espetáculo, ela vai pra, ela vai pra ver o ator (Henri).

Na entrevista, ao ser questionado sobre qual seria a percepção nessa “falta de interesse”, Pablo diz que talvez seja por ter “*coisas melhores*” pra fazer, como o espaço de descaso em meio ao trabalho, o tempo que levariam de locomoção até o local e entre outros.

Então é... mais é difícil, é difícil as pessoas tem que sair de casa, elas tem que vim, tem que né decidir ou eu fico descansando ou eu vou curtir cultura e arte então esse é o que as pessoas tem que decidir no seu final de semana [...], mas é as pessoas tem que vir, elas tem que sair de casa.

Um dos entrevistados toca no ponto dizendo que um dos motivos da falta de interesse do público para com a arte é a “*glamourização*” dela, ou seja, ela é uma arte elitizada, erudita, tendo o imaginário de algo que é de difícil compreensão:

A gente vê uma glamorização da arte né, a arte é glamourizada, principalmente pras pessoas que são mais leigas, até o momento que o teu filho vai fazer a faculdade. Então, até esse ponto é muito glamourizada e eu acho que é uma mistura né, do deslumbre, chegar a ponto, fazer a arte (Salvador).

Embora alguns partilhem de uma percepção semelhante do porquê o público não se interessa, é evidente a preocupação deles em conquistar esse público local. Tanto por intermédio dos meios de comunicação – que segundo eles, não há uma abertura midiática que favoreça a propagação dos eventos –, como pelo foco educacional potencializado pela arte.

Um ponto importante que teve relação nas falas deles quando o assunto estava voltado ao público, foi a arte ligada ao ensino, sendo por projetos nas escolas, nas comunidades e nas instituições que trabalham, sendo teatro infantil, visitas com intuito de incentivo a cultura, contação de histórias, apresentações de dança, oficinas estéticas e entre outros. A intenção desses profissionais é fazer uma “*formação de público*” (Henri, Pablo, Salvador e Tarsila), pois acreditam que através dessa formação, haverá um importante crescimento do interesse com a arte, perspectivando o amanhã.

O termo usado por eles como *formação de público* ou de *plateia* pode ser relacionado com o que Zanella (2020) traz quando fala sobre formação estética, pois a autora aponta sobre a promoção em diferentes contextos educacionais, juntamente com a atividade criadora. Essas contribuições são importantes ferramentas para o desenvolvimento humano, para transformação da realidade social e modos de vida. Também, a autora reitera que essa formação produz movimentos para a produção de novos sentidos, contribuindo para o estabelecimento de novas formas de relação com a realidade.

Fritzen (2008) contribui quando apresenta a relevância da arte para a formação do ser humano, por meio do ensino, entende que os sujeitos podem ser mais críticos e participativos na sociedade. Portanto, a relação que esses profissionais estabelecem com a arte local, está marcada pela relação com os seus colegas e o constante objetivo deles, é a busca de reconhecimento por parte do público, visando aí a constituição de uma cidade mais implicada com sua própria condição de cidadania.

Significação no trabalho com a arte

Neste núcleo de análise, aborda-se a significação dos profissionais em trabalhar com a arte local, em como este profissional se percebe nesse contexto e quais suas realizações em estar inserido no setor da cultura de Joinville. No decorrer das entrevistas, apesar de aparecer a constante preocupação financeira por alguns dos participantes, notou-se nas falas a realização pessoal e como essa satisfação instiga a continuar atuando neste setor.

Segundo Feitosa (2004), na arte a questão dos sentimentos parece ter mais peso do que a reflexão e a racionalidade. Apesar dessa aparência, a arte não está voltada para uma parte em detrimento de qualquer outra, antes, ela trata de uma relação entre o senso (pensamento, racionalidade e significação) e o sensível (afetos, sentidos e sentimentos), integrando a complexidade dos afetos, da vontade e da cognição.

Esta relação entre o senso e o sensível é retratada nas falas dos participantes, tanto na condição de funcionários como artistas. Essas percepções são relatadas nos mais diversos sentidos, sendo ela uma motivação pessoal, realização e até mesmo, em ver a reverberação nas pessoas sob o efeito provocado pela arte.

Pablo apresenta a percepção que possui sobre a arte dizendo que:

Arte é vida, é vida, é vida é contexto é [...] hoje eu olho o mundo e não consigo dizer que não existe arte nele, em tudo existe né, em todos os segmentos têm um pouco

de arte um pouco de de... têm que ter um um... uma veia artística, um um... trabalho ligado, alguém que pensou naquele num segmento né que envolva arte, que envolva alguma coisa né ligada a cultura e arte, eu acho que a vida imita a arte e a arte imita a vida.

É demonstrada a relação que a arte tem com a vida, conforme Frida comenta: “*que pra mim, a arte é tudo que toca, eu não vou dizer que arte é tudo, porque pra mim arte não é tudo, mas é tudo que toca, tudo que me emociona, e é isso*”. Já para Salvador, a arte é uma forma de expressão, ele a vê como um meio de mudança e algo que o motiva:

Eu acho que é uma mistura né, do deslumbre, chegar a ponto... fazer a arte, vê que é uma forma de expressão e você consegue se expressar de uma, que não necessariamente seja sentar e conversar, mas através de um trabalho, e como esse trabalho pode ser gratificante tanto pra você como pras pessoas, porque querendo ou não o artista tem um ego, e então também, alimenta o ego dele, mas também auxilia em uma mudança cultural e social, e pra mim foi isso que mais me motivo.

No entanto, Tarsila apresenta a arte como uma possibilidade de olhar para as coisas não só como forma de implicar a razão, mas como uma forma de um “*respiro em meio ao caos*” sendo um meio paliativo no enfrentamento de tempos tão abruptos.

Ah eu acho que uma maneira de existência né, um, um respiro em meio ao caos assim hã eu acho que... é encontrar novas possibilidades de olhar pras coisas né, hã eu acho que... é uma maneira de aguçar a nossa sensibilidade em tempos tão brutos né, e eu acho que a arte tem essa função é não só de reflexão mas as vezes de trabalhar com o incômodo com o relações que você de repente nunca tinha imaginado, te transporta pra outras situações né, eu acho que o mundo sem arte seria extremamente triste [risos] triste e chato né, há é isso basicamente!

Henri explicita que a arte é uma forma de promover mudança a partir do ensino escolar tendo como um dos recursos recurso o teatro (como mencionado anteriormente no segundo núcleo de análise), salientando que se trata de um dos fatores que o motiva:

O teatro coloca tudo maior no palco né, e isso é proposital também, porque esse maior acaba te educando né? te acaba te, espelhando ali, e de uma certa forma ali você consegue, opa, peraí, pode ser que isso seja, isso seja o que tá acontecendo comigo. Então eu acho que, ter essa oportunidade de você fazer um espetáculo um exemplo meu mesmo, de educação de trânsito que a gente faz trabalho de educação de trânsito, que a gente apresenta pra educação infantil, apresenta pro ensino fundamental um, é se todo a plateia que já assistiu, dois ou três chegar em casa, e, cobrar o pai pra não falar no celular quando tá dirigindo, entendeu, colocar o sinto de segurança no banco de trás, eu acho que já, o nosso papel já tá sendo feito. É quase que uma coisa de educador, quase que uma coisa de professor, mas isso que gratifica, acho que, eu já escutei muitos artistas falando isso, é um pouco clichê falar, e agora, eu também, mas eu acho que é isso que me motiva.

Diante dessas falas, podem-se perceber algumas das perspectivas expressas pelos entrevistados e a satisfação que eles extraem da arte sob a perspectiva apresentada por Feitosa (2004) sobre o senso e o sensível.

Retomando algumas questões do primeiro núcleo de análise, podemos adentrar mais acerca da satisfação destes profissionais ao estarem inseridos nesse contexto. Apesar dos percalços, tais como a questão financeira, do pouco público e da falta de apoio dos órgãos governamentais, estas condições de fato atrapalham, mas outros aspectos desse lugar mobilizam neles a persistência e o desejo de prosseguir na arte.

A satisfação pessoal e profissional pode estar associada às possibilidades de reinvenção da vida, sendo um ato de (re)significação feita por pessoas concretas, que se relacionam com a realidade. Essa produção de sentido é evidenciada no objeto – resultado de um trabalho estético – onde o sujeito

necessita do objeto e vice-versa. Portanto, o que existe no caso é a experiência que o objeto evoca no sujeito na relação estética (ZANELLA, 2020).

Ainda na questão estética, Faria, Dias e Camargo (2019) trazem a percepção que Vigotski aborda sobre o prazer pela arte, sendo uma relação de catarse. Embora o termo catarse seja atribuído a uma descarga de energia emocional, o entendimento desse termo não deve ser reduzido a uma simples descarga de sentimentos, mas para além disso, demarcando uma transição do desprazer ao prazer. Na reação estética o artista transpõe seus sentimentos em uma “catarse que suscita o prazer na arte” (FARIA; DIAS; CAMARGO, 2019, p. 159), culminando em uma contemplação satisfatória.

Deste modo, Pablo apresenta essa ação de fazer arte como um subterfúgio; uma relação catártica, que lhe traz um bem-estar, uma auto realização por meio de suas produções enquanto artista.

Eu agora como tô envolvido com essas questões é ele passa a ser um subterfúgio quando eu tenho minhas horas de criação com argila eu me pego criando, [...], é eu não posso dizer que é um trabalho que é um trabalho fixo, um trabalho que rende pra mim, não, é um trabalho que rende pra minha alma, que rende pro meu ser, pro meu ser artístico.

Há a questão do sentir-se bem com o próprio corpo, como relata Salvador, sendo uma forma que ele usa – além do ambiente de trabalho – para realizar-se artisticamente na figura do circo:

O circo, querendo ou não ele é uma escapada artística porque é bem, físico né!? Ele tá no limite entre a arte e a educação física, o esporte, então ele acaba ajudando tanto no... na questão física, em você se sentir mais, mais confortável com o seu corpo, e trabalhar a força, a flexibilidade, quanto na questão de suprir essa demanda artística que as vezes falta um pouquinho assim.

Por meio das entrevistas, é perceptível que o trabalho no campo da arte se mostra desafiador, feito de forma híbrida ao conciliar funções

administrativas e educacionais com projetos culturais como forma de se manter neste campo. Mas, para além disso, opera também a realização no que se produz, especialmente, nos imbricamentos e nas relações entre arte e vida, promotores de sentidos, formas e desejos, impulsionando os sujeitos a criarem na arte, as relações que irão tecendo em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O falar acerca da arte é um assunto que já foi reproduzido por poetas, músicos, escritores e entre outros, onde embora seja um assunto no qual não se finda, por ser uma expressão viva, que toma forma, gostos e desejos, tornando-se uma questão bastante curiosa os sentimentos que a mesma provoca aos seus admiradores. Desta forma, buscou-se entender qual a percepção dos profissionais que estão inseridos no setor cultural para aspectos constitutivos das relações arte, vida, cultura e cidade.

No processo de categorização, verifica-se que os entrevistados não estão inseridos neste setor por acaso, o processo de inserção deles no contexto da cultura está atrelado as suas trajetórias pessoais, interligando experiências da infância com o presente e, definindo em alguns casos, suas formações em curso superior. Por si só, este processo implica modos diversos de constituição do sujeito.

No decorrer do ofício de suas funções, estes profissionais estabelecem entre si uma teia de relações, criando assim, uma rede de amizades com artistas locais. No momento das entrevistas, expressaram que tiveram oportunidade de trabalhar com determinadas pessoas, que possuíam profunda admiração, tanto pela carreira profissional, papéis desempenhados, ou por serem artistas.

A percepção que os participantes possuem sobre o amplo público local é, aparentemente, negativa – marcada pela falta de interesse. Contudo, apesar dessa realidade cultural apresentada pelos entrevistados, percebe-se o desejo por fazer a arte acontecer, convocando e formando o público, divulgando os

eventos culturais, desenvolvendo projetos e levando a arte para grupos que ainda não têm esse acesso.

Com respeito ao significado da arte nas suas vidas, as respostas apontam para uma ideia comum, sintetizada em “*tudo o que toca*”. Arte, para esses profissionais é a representação de um viver, uma constante identificação nesse contexto, mobilizadora de criação, vida e relações.

REFERÊNCIAS

- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de Uma Cidade Migrante**. Joinville: Ed. Univille, 2011.
- CUNHA, Dilney, **Suíços em Joinville: o duplo desterro**. Joinville: Letradágua, 2003.
- DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Fenômeno: Uma teia complexa de relações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 114. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/fenomeno.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.
- FARIA, Paula Maria; DIAS, Maria Sara; CAMARGO, Denise de. Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 3, p. 152-165, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000300012>. Acesso em 20 nov. 2021.
- FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com arte**. São Paulo: Ediouro, 2004.
- FRITZEN, Celdon; MOREIRA Janine. **Educação e Arte: as Linguagens Artísticas Na Formação Humana**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Santa Catarina, Joinville**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/panorama> Acesso 21 nov. 2021.
- IMBRIZZI, Jaquelina. As relações entre arte e formação: desafios e perspectivas da universidade. In: MONFREDINI, Ivanise (Org.). **A Universidade como espaço de formação do sujeito**. Editora Universitária Leopoldiana: Santos, 2016, p. 49-69.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- PAUGAM, Serge. **Desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza**. São Paulo: Educ & Cortez, 2003, p. 323.
- RODRIGUES, Bruno Ramos. A Joinville do tempo presente sob a ótica da migração: disputas, tramas e conflitos a partir do Grafite e do Movimento Hip-Hop. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis.

p. 1-12, 2015. Disponível em:

<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/34-snh28?start=240>. Acesso em: 09 abr. 2019.

VYGOTSKY, Lev S. Manuscritos de 1929. **Educação & Sociedade**. v. 21, n.

71, p. 21-44. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?format=pdf&lang>

[=pt](#). Acesso em 20 de nov. de 2021.

ZANELLA, Andrea. **Psicologia histórico-cultural em foco**: aproximação a alguns de seus fundamentos e conceitos. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC, 2020.

Bruno Pomoceno Odelli

Acadêmico do Curso de Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala – Associação Catarinense de Ensino (ACE). Joinville, SC, Brasil.

Amanda Wendorff Lucci

Acadêmica do Curso de Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala – Associação Catarinense de Ensino (ACE). Joinville, SC, Brasil.

Daniela Bissoli Veiga Martins

Acadêmica do Curso de Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala – Associação Catarinense de Ensino (ACE). Joinville, SC, Brasil.

Allan Henrique Gomes

Doutor em Psicologia (UFSC), professor do curso de Psicologia (ACE/FGG), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNIVILLE). E-mail: allanhg@gmail.com

Recebido em 21 de novembro de 2021.

Aceito em 21 de dezembro de 2021.